

**O PAPEL DO
EDUCADOR**
Palestra de
Paulo Freire

Paulo Freire



O PAPEL DO EDUCADOR

Paulo Freire

Extratos da palestra proferida no
Centro Teotônio Vilela da FEBEM-SP
em 15 de junho de 1984

P

edimos licença ao Ilustre Mestre Paulo Freire para publicar a sua palestra dando continuidade a série Documentos FEBEM/SP.

Sem sombra de dúvida, o conteúdo, a clareza e a emoção da exposição se constitui num marco.

Marco, porque, estávamos iniciando nossos trabalhos na FEBEM/SP e, embora a convicção fosse grande os obstáculos também o eram. O Educador sensível os captou, os desvendou, e traduziu em palavras e atos simples e acessíveis aos ouvidos da platéia atenta.

Marco, porque as concepções e práticas educativas formais e tradicionais não mais atendem aos interesses da própria escola, e, muito menos de uma instituição que se pretende "escola da vida". E não é sempre que se encontra um educador com visão criativa, libertadora e transformadora da sociedade.

Marco, porque sua exposição reforça as Diretrizes Educacionais da FEBEM/SP, que vêm a realidade institucional sob a mesma ótica e nos anima a prosseguir na sua operacionalização, num processo de realimentação da teoria com as práticas comprometidas com as crianças e jovens, que, um dia, serão realidade no nosso cotidiano.

MARIA IGNÊS ROCHA DE SOUZA BIERRENBACH
Presidente

O PAPEL DO EDUCADOR

Paulo Freire

Estou aqui hoje, porque acredito que vocês querem fazer essa Instituição menos ruim, do que ela vem sendo. Se não, confesso, eu não estaria aqui, daria minha presença, daria o meu corpo consciente para testemunhar, ou para aprovar o que parecia um absurdo.

Acho que uma sociedade, que gera a necessidade da existência de FEBEM não pode continuar. Acho que o que se tem a fazer, realmente, é mudar radicalmente a sociedade brasileira para que não precise de Febem. Isto é que tem de ser feito. E eu me alongaria ainda mais. Uma sociedade que cria a necessidade disso, não pode ter na FEBEM uma coisa bacana. Seria uma contradição extraordinária que uma sociedade, que cria a injustiça, que gera o desamor, que gera a espoliação, criasse um organismo capaz de amar.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que é possível melhorar, contra a vontade escondida do poder que gera isso. É possível melhorar. E é possível, inclusive, trabalhar contra os interesses poderosos de preservação das estruturas que explicam a existência disso, dentro daqui mesmo, e é por isso que eu venho aqui. Eu vim aqui hoje como um companheiro de vocês, um solidário com a terra, com a luta de vocês, para dizer: para mim até que é fácil, porque eu estou fora, eu imagino o que significa o esforço, o empenho de vocês. Eu imagino os momentos, eu não diria de decepção, mas os momentos em que muitos de vocês e muitas se perguntam: Será que pode mesmo, será? Eu imagino as noites mal dormidas de muitas de vocês. Eu imagino momentos dramáticos de reflexão em que muitas de vocês se perguntam, se as coisas em que se envolvem não teriam a ver com uma certa natureza humana imutável, o que não existe, não existe. A natureza humana se constrói, histórica e socialmente (...). Por isso, é possível ser diferente amanhã, do que a gente está sendo hoje. Então, eu vim aqui por isso, e peço que vocês não entendam essa afirmação de forma arrogante da minha parte, me acho um cara comum, um cara simples um sujeito morando ali em Perdizes. Como brigo também (...); como brigo a minha briga, como eu luto a minha luta, que não é muito pretenciosa, e como sonho com esse país diferente! Como sonho com as massa populares desse país, enchendo as ruas, gritando, protestando, reivindicando, planejando e tendo poder. Como sonho com este país! Dou meu testemunho a todo esforço, por mais mínimo que seja, que se encontra na busca da transformação dessa sociedade. E é por isso que eu vim prá cá.

Dois anos depois da libertação de Angola, tive uma conversa, em Luanda com o então Vice-Ministro da Educação, um grande amigo meu, escritor extraordinário, um angolano. Ele me falava da quantidade enorme de crianças que tinham uma tarefa extraordinária no processo de libertação. No início do movimento revolucionário, o angolano recusava a presença dos garotos na luta. Eles levavam recados, traziam recados, um dia chegaram a construir umas espingardinhas. Insistiam em devolvê-los para suas casas até que afinal não foi possível e eles se incorporaram, na esfera das suas possibilidades, na luta de libertação deles e de seu povo. Passada a guerra, uma quantidade enorme de crianças, que tinham amadurecido na própria luta de libertação, não tinham mais nada que ver com uma escola tradicional puramente repetidora, memorizadora e provocadora de memória apenas mecânica. As crianças resistiam àquilo tudo e afinal de contas viviam no mundo soltas. O governo pretendia então encaminhar uma solução razoável para o caso.

Foi o Vice-Ministro que organizou um programa (acho inclusive que foi a primeira vez que se pensou naquilo): ele propôs ao governo que uma cidade pequenininha, quase povoação, num dos estados de Angola, que tinha sido quase completamente despovoada durante a luta, fosse convertida numa cidade dos meninos. O projeto era o seguinte: educar as crianças em companhia também dos adultos, educar vivendo a própria produção de sua subsistência; a cidade seria organizada, teria um governo do qual inclusive as crianças participariam, seria o Estado. Teria que se orientar no sentido da capacitação dos quadros de educadores diferentes, e o problema da educação das crianças estaria sempre centrado em torno do ato produtivo, e isso é educação. A criança trabalharia, produziria e teria os momentos teóricos que centralmente girariam em torno da reflexão crítica sobre as práticas que elas tinham e a prática de produzir, quer dizer, a partir da produção, conceito fundamental da reflexão, a criança estudava linguagem, ciências sociais, ciências políticas, biologia. Uma equipe de educadores que não seja capaz, partindo do ato produtivo, de estender um leque temático que alcance todo o domínio do pensamento humano, é uma equipe fraca, porque, se for competente, faz. E isso era, em linhas gerais o projeto. Eles devem ter inaugurado essa cidade quando voltaram lá em Angola. É muito difícil que a gente possa fazer uma experiência como esta com as estruturas do poder que a gente tem. Não podemos ser idealistas no sentido filosófico da palavra: pensar que a realidade a gente lida dentro da cabeça da gente. Na realidade angolana revolucionária isso tinha que acontecer. Mesmo lá, as dificuldades seriam bastante grandes do ponto de vista da formação desse novo tipo em nível de professor, em nível do educador. Acho que no nosso caso alguma coisa também deveria ser feita, quer dizer, tenho a impressão que a quantidade de terreno que existe no Estado é dádiva de Deus. Agora, a questão é muito mais política e, é preciso ficar claro que este é um problema político e não um problema técnico.

Eu agora passaria a fazer alguns comentários em torno do papel do educador. Não existe um papel do educador que seja geral, aplicável a qualquer educador ou educadora. Admitir que haja um papel universal da educadora ou do educador, é cair numa posição ingênua. É desconhecer, por exemplo, a natureza política do ato educativo. A educação na verdade é um ato político e, nessa medida, o educador é um político também, no seu papel que necessariamente tem a ver com a sua opção política, com aquilo que ele sonha politicamente. É a partir daí que seu papel se constitui, se consubstancia, na sua prática evidente o que leva à colocação de uma série de questões. Por exemplo, pode-se ter o papel de educador liberal, papel de educador reacionário, papel de educador revolucionário com matizes, porque há uma fronteira definida estritamente geográfica entre um tipo de um educador e outro. O que é preciso ficar claro, é que o papel desempenhado por um educador ou educadora autoritária, não é o mesmo papel desenvolvido por um educador radicalmente democrático, não pode ser.

Se os dois estiveram iguais, um dos dois está errado, quer dizer, não é possível. Às vezes me perguntam pelo Brasil! "Paulo o que há entre o sr. e o Mobral?" E a resposta é sempre a seguinte: se eu ficasse igual ao Mobral eu teria errado, e se o Mobral fosse igual a mim teria se equivocado. Não pode, nós estamos em mundos opostos. Agora, reconheço que dentro do Mobral há muita gente bacana, eu não sou sectário, eu sou radical. Tem muita gente boa dentro do Mobral que precisa, inclusive, sobreviver e então se serve também do Mobral e eu não atiro pedra em ninguém. Agora, Paulo Freire e o Mobral enquanto perspectiva ideológica e política, somos água e vinho. Eu acho que o educador se deve perguntar constantemente a serviço de quem ele se acha e a serviço de quê, o que vale dizer contra quem. Eu trabalho como educador e contra o que eu trabalho como educador. Na medida em que a gente começa a clarear o nosso papel, à prática em função de com quem a gente se encontra, começamos a descobrir que o nosso papel, a nossa prática, deve, tanto quanto possível, se aproximar do nosso discurso e este, se aproximar da nossa prática. Isso é que é o momento da coerência relativa, entre o que eu digo e o que eu faço. Se a minha opção é uma opção de transformação da realidade brasileira, da sociedade brasileira, se a minha opção se dirige aos interesses das classes sociais, oprimidas, espoliadas, proibidas de ser e não a serviço das classes dominantes que vivem uma vida de turista, se a minha opção é essa e se é isso o que eu digo no meu discurso, é isto o que tenho de fazer na minha prática, tenho que ter uma coerência entre a prática e o discurso. É absolutamente fundamental essa clarificação da opção que não se dá, enquanto a gente está apenas ao longo do discurso, mas que começa a ser na medida mesmo em que arregaçamos as mangas e tenhamos um compromisso concreto. É na prática que a gente vai clareando nossas opções.

Todo educador que diga ao educando que ele é igual ao educando, ou é ingênuo ou está mentindo, está fazendo demagogia, porque na verdade não é igual. Há uma diferença radical entre o educador e o educando, mas se a minha opção é de transformação da realidade, reconheço esta diferença que, inclusive, é a diferença que há entre a autoridade e a liberdade necessitadas uma da outra. O que não posso, se sou coerente com a minha opção política, é transformar a diferença natural entre educador e o educando, transformá-la numa diferença antagônica, mesmo que não seja de antagonismo de classe social. O que eu quero dizer com isso? O que eu não posso permitir é que a minha autoridade fundamental e necessária, vire autoritarismo diante das liberdades dos educandos que, no caso, abafadas pelo autoritarismo da autoridade, que deixou de ser autoridade, passariam a amofinar-se e a serem castradas, o que provoca mais adiante, de quando em quando em vez, um tipo de reação que ora é a da passividade, ora é a da rebelião, diante da autoridade autoritária. Por outro lado, na medida em que eu quero ser e continuar coerente, também não posso permitir que a minha autoridade se anule diante das liberdades dos educandos, e, nesse caso, não haveria também autoridade, nem liberdade e sim licenciabilidade. Em ambas as hipóteses não haveria disciplina.

Na primeira hipótese, com o autoritarismo, o que há é medo de ser punido drasticamente. Não há um consentimento ético por parte do educando que não constitui ou que não está constituindo a sua própria liberdade na presença ou na relação com a autoridade.

Mesmo compreendendo que nesses 10 anos anteriores em que vocês não estavam aqui, mesmo admitindo e eu não deixo de admitir que tivesse passado por dentro da FEBEM, gente séria, gente com espírito, com humanidade, gente amorosa, tudo isso eu aceito. Mas, o que não é possível negar, é o que o próprio espírito de espasmo autoritário, que se soma ou que se somava à própria estrutura imoral dessa sociedade brasileira e como eu disse no começo, gera a necessidade disso, descartava qualquer possibilidade de tentativa de reinventar a própria organização (a FEBEM).

Eu não quero cometer nenhum tipo de injustiça, porque eu acho que para a gente criticar esse País, a chamada ordem que aí está, não precisa mentir, nem precisa dizer inverdades, porque as verdades são aí demais, estão na rua, não tenho interesse nenhum de fazer injustiça. Mas acho que anteriormente na FEBEM, a norma de comportamento era mais para a rigidez, mais para a disciplina férrea, para a incompreensão da problemática do menor, do que para a sua compreensão. Evidentemente, que essa forma de relação para com o menor, que já se sente um demitido da existência, um impossibilitado pela própria condição concreta de vida, esmaga-o mais ainda e provoca nele também um tipo, uma possibilidade de rebeldia. Eu imagino, por exemplo, a quantidade de mesas, de cadeiras, de vidros, de portas, de jardins, dentro dessa cidade aqui, pequenininha, a quantidade de tudo isso que não deve ter sido estragado voluntariamente pelas crianças, pelos adolescentes.

Preciso que o educador viva intensamente esse tipo de relação com o educando, na busca de sua coerência, se a sua opção é uma opção política no sentido da real transformação mesmo da sociedade. Senão, não há que pedir a um educador reacionário, que ele tenha uma prática democrática. Eu não faço esse pedido porque não sou angelical. Eu não permitiria nenhum tipo de expressão autoritária em nome de coisa nenhuma, como também não aceitaria nenhum tipo de expressão licenciosa, de quem deixa como está para ver como fica. É preciso que, se encontre nesse papel do educador, o momento da criação da atitude em que se consente, se aceita, da disciplina, sem a qual não há criatividade. Às vezes me entendem mal de propósito. Quando eu critico o autoritarismo, os autoritários dizem que eu sou licencioso, que sou espontaneísta. Não, eu não sou espontaneísta, não sou autoritário. Eu acho que devemos fazer tudo para ir diminuindo nessa sociedade a expressão desse autoritarismo, desse "sabe com quem está falando", dessa arrogância tremenda de que certos homens poderosos desse País, falam a nós pela televisão, pelo rádio, pela imprensa. A impressão que eu tenho às vezes é que essa gente pensa que somos um País, uma nação de 120 milhões de imbecís.

Nós precisamos de uma prática pedagógica que se gere e gere disciplina, mas disciplina como criatividade, como curiosidade, disciplina como inquietação, como indagação, como pergunta, como marcha, como ação e não disciplina como humilhação, como cabeça baixa, com temor, medo.

Eu imagino, e na verdade, cada vez que um jovem desses arrebenta um vidro, está arrebentando a classe dominante deste país. Simbolicamente ele não está quebrando vidro, mas está matando quem o mata a nível simbólico. Ora, de um momento para o outro e aí é que chega o problema maior de vocês que entram numa instituição como essa, com uma alma diferente, uma perspectiva diferente, um sonho diferente, vocês querem dar uma contribuição mínima. Eu sei que nenhum de vocês aqui está pensando que vai salvar o Brasil, a partir, da melhora da FEBEM. Não vai. O Brasil se salva no dia em que o povo desse país mudar essas estruturas. Realmente, com a FEBEM só não dá. Mas, sem a FEBEM, também não dá. O que vocês estão buscando aqui, é dar uma contribuição mínima, necessária à transformação. Quando vocês começam a amenizar o tipo de dureza de relação entre vocês e o jovem, em primeiro lugar e agora, também não quero ser injusto, mas provavelmente vocês encontram aí uma primeira reação dentro do corpo de funcionários que vem de longe, eles também não acreditam que seja possível. É como se eles dissessem "esse pessoal novo que chegou é doido. Porque não tem jeito para essa gente, essa gente está perdida; nasceu assim". O que eu posso lhes dizer é que se há alguém que pensa assim, comece a pensar o contrário, comece a pensar diferentemente, porque na verdade, isso não é ciência, não é nada, isso é ideologia, isso é reacionarismo. Eu até digo: olha, se não der para mudar, arranje um jeito, pede à Diretoria para transferir, arranje um outro emprego. No momento em que vocês começam na verdade a respeitar o menor, o menor tem que testar vocês. De um lado, ele não está acreditando nisso não e não tem razão nenhuma para acreditar.

Ameninada vai testar vocês. É o jogo entre a liberdade que não acredita que a autoridade está querendo mais uma vez que a moçada tenha de receber limites de novo. E a limitação tem que ser posta amorosamente e não imposta malvadamente. O autoritarismo não limita malvadamente, sadicamente, a autoridade de vocês, mas também não pode avacalhar-se. Qual é o maior perigo que está aí? Eu acho que há dois perigos: de um lado é vocês perderem mesmo a luta, o sentido de as liberdades entrarem de tal maneira no processo de rebelião, que certos escalões do poder digam: "na verdade os caras do porrete tinham razão". Isso vem sendo a briga do governo, hoje, com a polícia. Na área da polícia já passaram três Secretários de Segurança Pública. O que há nesta sociedade, em termos de classes dominantes que têm ódio, ódio às classes dominadas, não está em nenhum livro. Se as classes dominadas desse país tivessem 5% da raiva que as classes dominantes têm delas, esse país já tinha morrido. Eu vejo gente na televisão espumando na boca quando pede a pena de morte. É uma coisa terrível.

O outro perigo de vocês, é aceitarem a tentação de vocês mesmos, de pegar o freio de novo, sem nenhuma determinação superior. Pode ser que eu esteja errado, mas acho que essa análise está correta. O meu apelo a vocês, se dirige, no sentido de não caírem em uma coisa, nem em outra. Não há possibilidade de fazer isso em primeiro lugar, sem uma margem de tempo, que o poder superior tem que dar a vocês. Em segundo, não é possível fazer isso sem os moços, sem os jovens, sem os adolescentes que estão aqui. Isso, não é trabalho a ser feito *para* eles, nem muito menos *contra* eles. É possível que vem entrando gente aqui formidável, mas ingênua também, que pensa que pode fazer *para* eles. Não pode. Isso *só se faz com eles*. A questão da preposição é absolutamente fundamental. Contra eles, é autoritarismo. Para eles, é idealismo e autoritarismo também, só que um autoritarismo adocicado. Só se faz, *é com* eles, quer dizer, só se faz discutindo com os moços, em grupo, debatendo a razão de ser, o porque deles estarem irritados. Só se faz, na base do desenvolvimento de uma consciência política que tem que ser tratada e trabalhada com eles. Aqui, o problema não é cansar os jovens com o trabalho, com exercícios. Há teses por aí, que dizem que quanto mais cansar, melhor, porque a pessoa vai dormir depois. Tem que cansar sim, mas cansar de pensar, de refletir, aproveitar todos os momentos para fazer a análise das injustiças que criam isso. Não é possível que esse País continue desse jeito. Não é possível admitir que esse País continue com ministros dando entrevistas em televisão como o Ministro da Saúde, feliz porque está com a estatística certa: vão morrer 3 milhões de meninos. Não é possível que esse País continue do jeito que está em 1.984. Finalmente, em 1.984, depois de uma luta extraordinária dos bóias-frias, certa imprensa poderosa deste Estado disse que se não fossem os comunistas que se infiltraram, essa gente não teria tido essa reação.

Eu vi na televisão uma mulher extraordinária que corta não sei quantas toneladas de cana, e que ganha "uma fortuna": o próprio empresário diz: "está vendo como se paga bem agora, 5.000 cruzeiros por dia", e se perguntou a um jovem meigo de 15 anos, trabalhando no corte de cana desde os 11, "você sonha?" Ele disse: "eu sonho perigoso". O jornalista disse: "o que é sonhar perigoso?" Ele disse "toda noite eu sonho que estou caindo num poço." Puxa! Mas o poço é a vida dele mesmo, ele nem sonha, ele está dentro do poço. E depois, o jornalista pergunta: "você sonha com o trabalho?" Ele diz: "como sonhar com um trabalho como esse?" Puxa! Mas não pode, não há explicação fatalista para isso, não é o clima que cria isso. É a expoliação de um sistema, quer dizer, 600 mil pessoas, segundo estatística que me forneceram recentemente, andam adivinhando o quê fazer nas ruas de São Paulo. Quer dizer, crianças da idade dos meus netos, minhas netas, sendo obrigadas a não ser. Mas as minhas netas e os meus netos, são e estão sendo. Por quê? Será que o papai do céu arranjou uma condiçozinha melhor para os meus netos e minhas netas?

Quando eu era criança, a minha família de classe média, sofreu um impacto grande, com a crise de 29. Quando eu era um juvenzinho, experimentei esse negócio que se chama fome e por isso eu tive dificuldade de aprender... Eu entrei no curso de ginásio - naquela época chamava ginásio - fiz o exame de admissão, quando tinha 16 anos para 17 e escrevi rato com dois erros, o que me parece até muito lógico. Eu me lembro que eu não entendia as lições de geografia que tinha que estudar para a escola primária e pensava de mim mesmo que eu era um sujeito burrão, quando na verdade não era burrice, não era coisa nenhuma. Era fome. Eu me lembro de uma galinha que eu e meus dois irmãos matamos. Estávamos os três sentados, num lindo domingo pela manhã, no fundo do quintal, na casa onde morávamos e de repente, uma galinha começou a ciscar no gramado, e os gafanhotos começaram a pular e a galinha espichava o pescoço para cá, espichava o pescoço para lá, pegando os gafanhotos. De repente, a incauta galinha se aproximou demasiado da gente... Minha mãe escutou e correu, mas a galinha já estava morta na mão de um de nós. A galinha pedrês, dava até um conto... A galinha pedrês do meu irmão. E a velha, naquela hora, uma mulher católica deve ter sofrido um problema difícil. De um lado, ela deve ter pensado no absurdo que parecia ser aquilo. Como é que a gente desmoralizava o direito de propriedade do vizinho? De outro, ela era forçada também, pela situação real, concreta. Ela não disse nada, mas certamente ela estava hesitando entre devolver a galinha com o corpo ainda quente, ou então, comê-la naquele domingo. Na verdade, ganhou o bom senso e ela foi para a cozinha. Eu conto este fato pelo seguinte: meu pai, vivo ainda na época, usava gravata e, em casa, nós tínhamos um piano no qual uma tia tocava Beethoven, Bach, e o piano de minha tia e a gravata de meu pai, não permitiam que o meu vizinho pensasse, nem longínquamente, que os autores do sumiço de sua galinha pedrês, estavam ali. Então, a gravata de meu pai e o piano de minha tia, transformavam os nossos furtos em puras telas de crianças. Os vizinhos poderiam dizer, no máximo (poderiam dizer, se soubessem,): "Como o Paulinho deve dar dor de cabeça na Dna. Tudinha, ele fazendo uma trela dessa".

Mas, se fosse um filho de um operário, isso se chamava delinqüência infantil. O meu furto, por causa do piano e por causa da gravata, em outras palavras, por causa da classe social, era trela. O mesmo furto, possivelmente, com maior razão de ser feito por um menino, companheiro meu, filho de operário, camponês, seria classificado como delinqüência infantil e ele deveria ir para uma FEBEM do seu tempo. Eu hoje não preciso furtar, mesmo porque, nem galinha mais tem por aí. Eu não preciso furtar galinha pedrês do vizinho, nem açúcar branco da venda. Eu hoje compro. Mas eu nunca esqueci aquele fato. Eu até diria a vocês: possivelmente, está ali, no fato que envolveu aquela galinha pedrês, a razão fundamental da minha radicalidade crescente, do ponto de vista político, do meu grande sonho de transformar esse medo, não para as massas, mas com elas.

O educador se reeduca ao educar e o educando, ao educar-se, educa a quem o educa. Não há como sair disso. Há uma espécie assim, de ida e volta. Agora evidentemente que há uma relação, uma diferença. Uma delas é essa: o educador, pela própria chegada ao mundo, quer dizer, ele chegou primeiro ao mundo que o educando... ganhou uma experiência na própria prática de educar. Criou e participou da criação de conhecimentos e tem também uma tarefa específica de educar. Acontece que a tarefa específica de educador não se dá em si mesmo, o educador não trabalha como educador, com ele só. Ele se constitui educador quando ele trabalha com o educando. Então, a sua tarefa termina convertendo-se também, na tarefa através da qual ele se reeduca com o educando que ele educa.

O educando educa mesmo que não saiba que está educando, que não tenha a tarefa específica de ser educador do educador. Dialeticamente, ele vira o educador do educador também. Mas, de qualquer maneira, continuam diferentes. O principal é que esta diferença não se antagonize, seja uma diferença conciliada constantemente.

De modo geral, as pessoas que moram no Pacaembu, em Perdizes, etc... falam dos favelados como marginais. Essa é uma sociedade discriminatória, tremendamente discriminativa de raça, de classe e de sexo, uma sociedade machista, racista, classista. Então, o moço, comete um dia a sua primeira infração, aquela que eu também cometi mas, como meu pai tinha a gravata, não foi considerado, senão possivelmente, eu não estaria aqui hoje falando, teria morrido antes do tempo. Eu tive muito amigo daquela época, que morreu tuberculoso antes do tempo e eu escapei. Eu também fui tuberculoso, no começo de minha mocidade, mas deu, para ganhar a guerrã. Bem, o menino faz, da primeira vez e em lugar dele encontrar uma receptividade por parte da sociedade, ele sente exatamente o freio, a discriminação. Ora, ele se sente marcado, tem a estampa na cara de que ele está errado, de que está fora da lei. Inclusive, é preciso ter uma psicanálise disso, social, não individual. Atualmente, o adolescente oscila entre a alta desvalia e a necessidade de afirmar-se no que faz através de expressões violentas. Ele precisa no fundo, vingar-se da sociedade injusta e ele agride mais, além do limite necessário para sobreviver. E não se percebe isso. As pessoas pensam que esse índice tremendo de violência em São Paulo, no Brasil todo, e não só aqui, é maldade natural das pessoas. É preciso que um dia essa moçada descubra que não é preciso fazer isso, pra dizer que existe mas, será que não se entende isso? Precisa o mínimo de psicologia! Será que não se entende que esses jovens estão gritando pra dizer que eles existem! Estão aí, expulsos do mundo e da vida e então vêm aí para gritar. Gritem mais meus filhos! Agora, é claro que também não se soluciona isso, se simplesmente você constata isso e não faz nada. Não, você tem que, lamentavelmente, até que é preciso às vezes mesmo constatando isso, ser um pouco severo. É preciso, às vezes, agora, não toda vez. É preciso entender a raiz dessas coisas, se a gente não é capaz, depois de cinco meses numa experiência como essa, de ler o comportamento, de entender o mundo aqui, então o melhor é procurar outro lugar. É legítimo sobreviver. Mas, o que não é possível é sobreviver às custas da negação da sobrevivência dos outros.